

UNMAPPING THE WORLD

UNMAPPING THE WORLD CONSTITUI UMA INCURSÃO NO CAMPO DAS PRÁTICAS CARTOGRÁFICAS REACTIVAS. PRETENDE CONFRONTAR A APARENTE NEUTRALIDADE DA CARTOGRAFIA PROFISSIONAL ATRAVÉS DE PROJECTOS CONTEMPORÂNEOS DE MAPEAMENTO. NESTA EXPOSIÇÃO, DIVERSAS FORMAS DE CARTOGRAFAR SÃO UTILIZADAS PARA RESISTIR À AUTORIDADE DO ESTADO, PARA QUESTIONAR AS ESTRUTURAS DO PODER VIGENTE E DENUNCIAR A PROPENSÃO DOS MAPAS PARA SIMPLIFICAR O NOSSO MUNDO. O ACTO DE DESMAPEAR É APRESENTADO COMO UMA FORMA POÉTICA DE RESISTÊNCIA.

Um mapa é uma representação codificada e compacta da realidade, e codificar significa fazer escolhas, classificar e simplificar muitos níveis de informação. Qualquer escolha que seja feita no contexto dos territórios representados é política. Como tal, um mapa nunca pode ser neutro. Tendo em conta que possuem um papel habitual no discurso, na conversação que dá forma ao nosso mundo, os mapas tornam-se objectos que devem ser constante e criticamente questionados. Qual é a autoridade que traça as linhas? O que é que, realmente, define as nossas fronteiras? Os limites geográficos circunscrevem os nossos territórios, ou será que estes são especificados pela velocidade da internet, pelos paraísos fiscais, pela pirataria, pelo Google, pela Ikea ou pelos nossos destinos de férias?

Com o intuito de explorar estas questões, UNMAPPING THE WORLD apresenta obras críticas e poéticas que capturam verdades plurais sobre nações, fronteiras e o indivíduo que se encontra entre elas. Os projectos de mapeamento constroem uma narrativa com a história e a colecção do local que acolhe a exposição: O Instituto de Investigação Científica Tropical. Esta entidade tornou-se o principal instituto cartográfico português no século XIX. A partir de então, o mundo seria mapeado, atlas seriam desenvolvidos, estudados e partilhados. Portugal enviou

cientistas e investigadores para desenhar os “novos” mundos, seguindo os padrões europeus vigentes de medição, interpretação e deslocação. Inicialmente, a cartografia centrava-se nas linhas de costa dos territórios visitados por barco. Lentamente, porções de terra cada vez maiores viriam a ser colocadas em perspectiva. Mas, apesar de todo o conhecimento adquirido desde então, continuamos a não ser capazes de cartografar os efeitos desses tempos coloniais. Como tal, em UNMAPPING THE WORLD questionamos se os primeiros mapas, bastante vazios, com grandes áreas “inexploradas”, não seriam representações da realidade mais precisas do que as modernas cartas pormenorizadas, uma vez que aceitavam e integravam o desconhecido.

Nenhuma “encomenda cartográfica” actual solicitou a quem quer que fosse a realização dos mapas contemporâneos apresentados nesta exposição, mas os autores visuais encontraram parceiros e institutos para desenvolver as suas obras, devido a uma noção de urgência em partilhar a informação e as narrativas. Sociedades do século XXI surgem apresentadas numa perspectiva *bottom-up*, através dos olhos de designers, artistas e arquitectos. Estes encontram-se envolvidos nos temas que apresentam e não assumem posições neutras, antes críticas e transparentes. Assim sendo, os projectos não só revelam

a sua própria informação, como também metaposições a respeito da cartografia.

Todos os artistas fundem e exploram as fronteiras das suas práticas artísticas – constituem colectivos internacionais em diferentes países e fusos horários, misturam disciplinas e assumem posições. Aquilo que os liga são as práticas de investigação nas quais a pesquisa e o design se complementam. O seu objectivo não é o de dar forma à informação, mas o de trabalhar de um modo crítico e transparente.

O que também se aplica aos curadores Annelys de Vet e Nuno Coelho, eles próprios designers em exercício. A primeira sediada na Bélgica e o segundo em Portugal, dedicam-se os dois à educação, à investigação e ao design. Esta exposição uniu os mundos de ambos, enquanto parte de uma investigação em curso que pretende encontrar o vocabulário projectual adequado para determinar os limites da cartografia reactiva contemporânea. A sua investigação é essencial porque os tempos líquidos em que vivemos exigem uma abordagem fundamentalmente diferente da cartografia, uma que não trace fronteiras, mas que antes as abra na mente.

Exposição apresentada durante a bienal EXD'13 Lisboa – No Borders. 09 Nov – 22 Dez.



© Pedro Sadio & Fernando Piçarra



© Nuno Coelho

PALÁCIO

Construído para residência de veraneio, por provável iniciativa de D. João Gonçalves da Câmara, 4º conde da Calheta, em meados do século XVII. É um palácio de características barrocas, mas de concepção arquitectónica severa e robusta, onde os amplos espaços comunicam entre si. Nas salas do andar nobre podemos observar painéis de azulejos figurativos (com motivos de caça, campestres, marítimos e militares), ornamentais (de inspiração em vegetais, flores e frutos) e de padrão, datados da segunda metade do século XVII a finais do séc. XVIII. A história deste edifício é rica e diversificada, foi propriedade do rei D. João V que o reedificou, assistiu ao processo dos Távoras e foi residência temporária de personalidades ligadas à Casa Real.

Em 1914, a quinta anexa acolheu o Jardim Colonial e a partir de 1916 inicia-se aí o Museu Agrícola Colonial. Em 1940 a secção colonial da Exposição do Mundo Português foi aí apresentada, e nessa década deu-se um restauro ao edifício com vista a retomar a suas características originais. A Comissão de Cartografia foi sendo ampliada e sucessivamente designada Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais em 1936, Junta de Investigações do Ultramar em 1945, Junta de Investigações Científicas do Ultramar em 1973 e Laboratório Nacional de Investigação Científica Tropical em 1979. Actualmente, acolhe o Centro de Documentação e Informação do Instituto de Investigação Científica Tropical. O edifício está classificado como Monumento Nacional, num conjunto que integra também o Palácio Nacional de Belém.

MAPAS

O Instituto de Investigação Científica Tropical tem a sua origem na Comissão de Cartografia, criada em 1883, com o objetivo de responder à necessidade de cobertura geográfica das regiões tropicais. A Comissão tinha sido criada em reacção ao súbito interesse das grandes potências europeias pelo continente africano. Até sensivelmente 1880, o controle político perpetuado pela ocupação europeia em África era ainda muito reduzido, limitando-se a pequenos pontos ao longo da linha costeira. Desconhecido e inexplorado, o centro africano será alvo de interesse e cobiça, tendo sido o continente esquartejado na Conferência de Berlim de 1884/1885. O pendor exploratório da Comissão visou dotar o Estado português de um manancial significativo de conhecimentos sobre os seus territórios coloniais através de processos de mapeamento para os quais foi reunido um largo espectro de áreas científicas. Neste contexto, a arqueologia, a antropologia, a etnologia, a história e a biologia sofreram um impulso idêntico à da cartografia. Através do estudo e conhecimento do território, procurou-se perpetuar o seu domínio efectivo.

A pedido dos curadores de UNMAPPING THE WORLD, é apresentada no hall de entrada do edifício uma selecção de mapas e atlas da biblioteca do Instituto de Investigação Científica Tropical, cuja escolha recaiu no facto de representarem as áreas desconhecidas e inexploradas das antigas colónias.

CHIQUETA



© Pedro Sadio & Fernando Piçarra



© Pedro Sadio & Fernando Piçarra

CONFLITO

O poder representativo dos mapas exerce – sempre exerceu – um papel importante e primordial nas questões de domínio territorial e ideológico entre indivíduos e comunidades. Nesta perspectiva, enquanto instrumentos de constrangimento espacial ou social e enquanto alicerces de determinadas ordens e hierarquias, os mapas tornaram-se instrumentos de propaganda política por vezes com consequências tremendamente devastadoras. Os projectos inseridos na secção CONFLITO pretendem

formular diferentes respostas conceptuais e formais de processos de mapeamento de forma a estimular um necessário debate contra a hegemonia de uma determinada corrente de pensamento imposta por uma estrutura particular de poder. Este tipo de soluções, que constituem abordagens criadas de baixo para cima, dão origem a soluções que aspiram sempre a uma necessidade de mudança como um acto de resistência pacífica.

CARTOGRAPHIC ARTILLERY

Cartographic Artillery é constituído por uma colecção de mapas nos quais podem ser visualizados locais onde são produzidas alegadas armas de destruição maciça. Estes mapas foram e são amplamente disseminados em diferentes média. Como tal, serviram como artilharia para motivação pública e aprovação de invasões aliadas. No que respeita ao Iraque, foi entretanto largamente confirmado que estes pressupostos se encontravam perigosamente errados e que estes mapas foram utilizados como provas muito enganadoras. Assim sendo, como interpretar os mapas análogos da Síria e do Irão?

Cartographic Artillery foi reunido pelos curadores de Unmapping the World. Design Gráfico de Joana Rodrigues (Estagiária DEVET).

Os artistas visuais Rudy J. Luijters e Onno Dirker têm desenvolvido o seu trabalho como Atelier Veldwerk (Atelier Trabalho de Campo) desde 2003 em projectos relacionados com a concepção de espaços públicos no seu sentido mais lato. O seu método é o do “olhar desfocado”, ou seja, investigar segundo uma perspectiva cultural sem preestabelecer critérios ou linhas orientadoras.

www.baghdadout.info / www.atelierveldwerk.nl

BAHGADAD OUT 2003-2010

O projecto *Baghdad Out* arrancou em Janeiro de 2003 como um guia no qual se cobria a estimulante vida cultural da capital iraquiana. Dois meses após a sua publicação, em Março de 2003, a guerra começava. Importantes elementos da infra-estrutura civil ficaram bastante danificados ou mesmo destruídos durante os bombardeamentos. Cinemas e teatros foram também severamente atingidos ou abandonados. A vida cultural pública tornava-se impossível, com a excepção de alguns eventos incidentais e na sua maioria secretos; concertos, performances e exposições deixaram de se realizar. Durante o período da transmissão formal de poder ao então recém-instalado governo iraquiano, no Verão de 2004, foi publicado um segundo *Baghdad Out*. Esta edição revelava que não apenas a guerra, mas também a introdução da “liberdade”, haviam deixado indícios profundos na paisagem cultural. Posteriormente, o terceiro *Baghdad Out* seria, mais do que qualquer outra coisa, uma análise de eventos culturais ocorridos durante dois anos, enquanto as versões anteriores referiam aqueles que deveriam acontecer num espaço de dois meses. A vida cultural de Bagdade tendo sido dispersada, desmembrada e dilacerada, o mesmo se podia dizer sobre a informação e aqueles que informavam. Nesta última publicação, os guias de 2003 e 2004 surgem adicionalmente incluídos com o de 2010. Quando lidos em sequência, os processos culturais tornam-se evidentes.

Outros projectos apresentados: Kriegspiel, Radical Software Group; Borders of the World, Ruben Pater.



© Pedro Sadio & Fernando Piçarra



© Pedro Sadio & Fernando Piçarra

LIBERTAÇÃO

Mais de cinquenta anos passaram desde a primeira vaga independentista no continente africano. Desde então, desenhou-se um novo mapa político e cultural em África que em grande parte manteve a dinâmica geo-política, delineado pelas potências ocidentais na Conferência de Berlim de 1884-5. Ainda hoje olhamos para estas mais de cinquenta nações esquecendo as actuais

profundas transformações sociais, políticas, económicas e culturais que, por detrás do rótulo de "países em vias de desenvolvimento", lhes confere uma certa identidade homogénea. Os projectos incluídos na secção LIBERTAÇÃO pretendem mapear processos contemporâneos de autonomia política e de crescente consciência transcultural no Sul Global.

THE GREATER PURCHASE 2010

A libertação chama-nos. Seduz-nos e consome-nos. Todas as manifestações de libertação despedaçam, dispersam e destroem. A libertação tira e dá. Expande fronteiras e isola. A libertação está à venda, e os mercados estão em expansão. O nosso modelo neoliberal pressupõe que a libertação do Sul Global será, de algum modo, identificável. Mas a noção de "mundo em vias de desenvolvimento" pouco contribui para nos informar a respeito do progresso, das experiências e da estética da libertação no Sul. Arrojado e informal, este *Total Undesign* tem as suas raízes numa cultura visual que se apropria de toda e qualquer manifestação de simbolismo dominante. Artigos de contrafacção, celebridades e joalharia extravagante dão origem a uma forma de produção vernacular avançada – um estado de design pós-libertação. The Greater Purchase traça novas rotas de trocas culturais, através de histórias aparentemente díspares da China, África e América Latina, propondo simultaneamente uma nova estética e ideologia do design no Sul.

Hannes Bernard é um designer sul-africano sediado em Amesterdão que dirige uma consultora de design & ilustração entre a Cidade do Cabo, São Paulo e Amesterdão. Publica *Jungle Jim*, uma *Pulp Fiction* Zine africana bimestral. Em 2013, apresentou THE GREATER PURCHASE como projecto de licenciatura no Sandberg Instituut Amsterdam (Masters Rietveld Academie).

www.hannesbernard.com

Outros projectos apresentados: Double Standards, Ruben Pater; Expo 2020 Gbadolite, Femke Herregraven, Chris Lee, Henrik van Leeuwen, Katja Novitskova, Michail Oustamanolakis e Matthias Schreiber.

ANGOLA IS NOT A SMALL COUNTRY (ANGOLA NÃO É UM PAÍS PEQUENO) 2012

Em 1934, Henrique Galvão criou um mapa intitulado «Portugal não é um país pequeno», representando os territórios das colónias ultramarinas portuguesas sobrepostas a um mapa da Europa. Esta ilusão cartográfica pretendia promover a alegada grandeza do "Império" relativamente à efectiva pequenez de Portugal continental. Durante o período da ditadura (até 1974), este mapa contribuiria para a perpetuação do mito de Portugal enquanto grande nação imperialista. Muitos anos se passaram e o paradigma colonial alterou-se. Angola, anterior colónia portuguesa, tornou-se um país independente e uma superpotência económica alimentada por uma florescente indústria petrolífera. Luanda, a sua capital, atraiu milhares de portugueses em busca da prosperidade. Simultaneamente, os investimentos angolanos influenciam como nunca muitos sectores da estrutura económica da antiga nação colonizadora. "Angola is not a small country / Angola não é um país pequeno" constitui uma representação provocadora da actual relação entre Portugal e Angola. É um exercício irónico, não só pela sua apropriação da obra original de Galvão, mas também pela sua representação efectiva do zeitgeist. Nesta instalação, o mapa conta com o apoio de uma colecção de artefactos resultante de observações quotidianas, investigação académica e prática arquitectónica.

Paulo Moreira é um arquitecto português sediado no Porto, desenvolvendo actualmente um doutoramento na The Cass School of Architecture, London Metropolitan University. A sua investigação centra-se na história colonial e pós-colonial de Luanda, onde desenvolve um estudo colaborativo sobre um bairro de autoconstrução denominado Chicala.

www.paulomoreira.net



© Pedro Sadio & Fernando Piçarra



© Nuno Moreira

MERCADO

Num tempo em que a maior parte das grandes economias do mundo não são países mas empresas multinacionais, torna-se urgente analisar de uma forma crítica estas estruturas globais de poder. No actual modelo económico, é de extrema necessidade avaliar a influência das multinacionais na nossa sociedade, a fim de se perceber o impacto da globalização na redistribuição económica de valor e no desenho de novos (des)equilíbrios sociais que interagem com sociedades, culturas, economias

e o meio ambiente. Sem dúvida, este tipo de estudos passará também pela análise do grau de promiscuidade existente entre as multinacionais e o poder político. Preocupações sentidas pelos projectos incluídos na secção MERCADO têm origem em investigações "jornalísticas" que revelam a forma como estas grandes estruturas de poder ditam e impõem as regras não só do mercado mas também de determinados comportamentos sociais.

TAXODUS 2010

Ainda hoje, os paraísos fiscais evocam uma imagem de ilhas tropicais protegidas pelo sigilo bancário onde celebridades e mafiosos guardam o seu dinheiro. Todavia, os centros financeiros *offshore* deixaram há muito de ser uma "atração exótica secundária" da economia global – actualmente, são o próprio centro dela. Em particular, são os países abastados da OCDE que têm um importante papel nesta economia *offshore* e oferecem às multinacionais numerosas oportunidades de evasão fiscal. Afinal, o fluxo de capital escolhe sempre o percurso de menor resistência. Taxodus – criado em 2010 no enquadramento da masterclass Sandberg@Mediafonds – é um jogo sério, com base na internet que reage à indústria do planeamento tributário através da qual as multinacionais tentam reduzir o mais possível as suas contribuições. "Agindo" em nome de multinacionais, os jogadores têm de se esquivar ao pagamento de impostos numa paisagem estratégica que incorpora dados reais sobre fluxos de capital internacionais. O projecto pretende tornar visível a geografia, o impacto e os princípios básicos da economia *offshore* recorrendo ao *crowd sourcing*. Adicionalmente, foi produzido um documentário sobre este tópico que foi transmitido na televisão holandesa.

Femke Herregraven é uma designer e investigadora holandesa sediada em Amsterdão – e parte do colectivo de design/investigação Bitcaves – cuja obra se cruza os domínios contemporâneos da finança global, geopolítica, poder das redes e política de informação. Os seus projectos de design especulativo e de investigação visam o mapeamento e desconstrução das estruturas de poder e a exploração de alternativas possíveis.

www.bitcaves.net

THE WORLD OF IKEA 2007

Qual a nossa relação com a nossa própria identidade numa sociedade contemporânea em contínua mudança? E como é que algumas destas tendências atravessam fronteiras nacionais, ou são capazes de nos influenciar a uma escala global? Bjørn Andreassen utiliza a globalização das lojas de decoração de casa IKEA como caso de estudo para representar a cultura local em busca de novos pontos de referência identitária. A IKEA poderá ser usada como espelho da cultura local? Em caso afirmativo, de que modo esta corporação influencia a sociedade na localização das suas lojas, e como é que estas estruturas locais influenciam a IKEA? Todas as conclusões foram traduzidas num atlas enquanto instrumento para a compreensão do mundo da globalização. Um tapete foi igualmente concebido, incluindo todas as lojas IKEA a nível mundial, representadas através de fotografias aéreas do Google Earth – para podermos compreender um mundo que consideramos homogéneo. Um mapa do mundo, o mundo da IKEA.

Bjørn Andreassen – um designer holandês actualmente a viver e a trabalhar em Oslo – pratica design com base na investigação, no campo dos espaços públicos, no qual se encontra fascinado pelo carácter local, pelo contexto cultural e pela nossa relação, sempre em mudança, com a cidade. Em 2007, apresentou THE WORLD OF IKEA como projecto de licenciatura na Design Academy Eindhoven.

www.bjornandreassen.com

Outros projectos apresentados: Pentacoste Atlas, Bregtje van der Haak, Richard Vijgen; Powermapping, Rogier Klomp, Shuchen Tan.



© Pedro Sadio & Fernando Piçarra



© Pedro Sadio & Fernando Piçarra

POESIA

O envolvimento pessoal e o nível de aspiração do indivíduo pode e deve ser o ponto de partida para a produção de processos de mapeamento menos convencionais. Nestes tipos de processos, onde impera a subjectividade e escala (reduzida), o indivíduo produz abordagens utópicas nas quais reside o desejo estrutural de tornar determinadas ideias e pensamentos como realizáveis. Ao abordar realidades complexas de formas aparentemente sim-

plistas, cada narrativa pessoal torna-se urgente ao produzir um discurso mais humano em oposição à crescente simplificação do dominante discurso político aparentemente objectivo. Os projectos inseridos na secção POESIA mostram processos de mapeamento alternativos que operam transversalmente nos mais inesperados domínios, propondo olhares de diferentes perspectivas e demonstrando um potencial valor simbólico neles incluído.

RUGS|

RUGS| é uma série de tapetes que representam fotografias aéreas de diferentes locais do mundo. Os tapetes são totalmente produzidos com fibras e fios naturais disponíveis localmente. Em vez de utilizar motivos tradicionais, os desenhos são constituídos por imagens do Google Earth do território onde os seus tecelões vivem. Técnicas tradicionais de tecelagem, tufo e nós tornam visíveis imagens aéreas do Nepal, Irão e Tailândia, sem qualquer coloração adicional. RUGS| estabelece uma ligação directa entre a tecnologia moderna do Google Earth, os recursos naturais locais e o património cultural. Partindo de uma vista aérea da paisagem e do seu clima, RUGS| vai até ao pixel de um ecrã de computador e resulta em tapetes com 1 x 1 m, capturando um pedaço do planeta num tapete, no nosso chão.

Sediada em Amesterdão, a designer holandesa Roosmarijn Pallandt explora os processos de fabrico que transformam matérias-primas prefabricadas em bens de consumo, dedicando-se também à investigação sobre o impacto destes processos na vida dos fabricantes, dos consumidores e no ambiente.

www.roosmarijnpallandt.com

SIMPLE STANDING TRIANGLE

«Quando a minha mãe me ensinou pela primeira vez a desenhar o mapa da Palestina, eu costumava desenhá-lo simplesmente como um triângulo equilátero direito. Mais tarde, fiquei a saber que não é exactamente equilátero: o lado inferior é maior do que o superior, e este último é côncavo com uma saliência perto do topo, e o ângulo superior é, na realidade, uma linha recta com outra saliência que se eleva para norte. Existe também o lago Tiberíades, e o mar Morto, e as numerosas aldeias destruídas e a linha verde de 1948, e existe Israel e a Cisjordânia, e a Faixa de Gaza, e os acordos de Oslo, e a Área A e a Área B, e a C, e H1, e H2, e os postos de controlo, e A Muralha, e os colonatos, e não sei o quê e quando e como... mas, até agora, quando quero desenhar o mapa da Palestina, desenho-o como um triângulo equilátero direito.»

Yazan Khalili é uma arquitecta, artista e escritora palestina, actualmente sediada em Amesterdão, que estuda no departamento de Belas-Artes do Sandberg Instituut Amsterdam (Masters Rietveld Academie).

Outros projectos apresentados: Subjective Atlas, Annelys de Vet; Zoo, or the letter Z, just after zionism, Malkit Shoshan; Private Landscape, Paula Amaral.



© Pedro Sadio & Fernando Piçarra



© Pedro Sadio & Fernando Piçarra

XILOTECA

Uma xiloteca é uma colecção de amostras de madeira identificadas quanto à espécie a que pertencem e devidamente ordenadas e catalogadas. Esta denominação deriva do termo “xilema”, tecido constituinte da madeira.

As xilotecas permitem o estudo das características anatómicas, físicas e mecânicas das madeiras, que podem ser importantes na definição dos seus usos potenciais. Como colecções de referência, são úteis em áreas onde se torna necessário a identificação de madeiras por comparação, nomeadamente na arqueologia, na indústria madeireira, no restauro, em análises forenses, entre outras.

O decreto de 25 de Janeiro de 1906 criou as “Bases para a organização dos serviços agrícolas coloniais”, onde se refere a necessidade de fazer o reconhecimento da riqueza agrícola colonial, onde se incluíam as florestas. Assim se começaram a reunir amostras de madeiras provenientes das ex-colónias portuguesas. Quando da entrega definitiva, em 1914, do local onde se encontra situado o actual Jardim Botânico Tropical, decidiu-se que o Museu Agrícola Tropical ficaria instalado no edifício do Palácio dos Condes da Calheta, tendo sido destinadas salas para a coleção de madeiras existentes. Em 1986 foi elaborado o Índice Geral da Xiloteca, que conta com 3604 amostras standard, representando 2670 espécies, distribuídas por 107 origens diferentes.

AL CARIBE! 2003-2010

O turismo poderia contribuir substancialmente para reduzir a pobreza, incentivar o crescimento económico, promover um desenvolvimento sustentado, encorajar a protecção do ambiente, a compreensão das culturas e a paz entre as nações (declaração da Organização Mundial de Turismo, 2005). O grupo Supersudaca desafia a OMT a debater os paradoxos do seu lema principal. As principais modalidades de turismo de massas nas Caraíbas (*resorts* “com tudo incluído” + navios de cruzeiro), alegadamente consideradas benéficas para o desenvolvimento dos países caribenhos por motivos económicos e de emprego, constituem argumentos duvidosos quando confrontadas com múltiplas contradições internas. Estes dois tipos de turismo dependem de uma fantasia isolada da realidade, especialmente impossível de atingir. Se não for controlado, o turismo de massas nas Caraíbas encontra-se numa perigosa rota de colapso ecológico, cultural e económico em que paradoxos potencialmente fatais poderão levar (e provavelmente levarão) à falência do turismo de massas e das nações que afirmam apoiar.

Supersudaca (uma palavra em que se combinam virtude e um insulto para os imigrantes sul-americanos) é um grupo de arquitectos, na sua maioria latinos, que tem conseguido trabalhar em conjunto há já quase dez anos, apesar da sua dispersão por diversos países. Durante estes anos tem desenvolvido um perfil cada vez mais diverso em temas que afectam o nosso ambiente, invocando sempre uma questão fundamental: como manter a esperança perante a rudeza do mundo?

www.supersudaca.org



© Pedro Sadio & Fernando Piçarra

HERB-

Um Herbário é constituído por uma colecção de espécimes ou exemplares biológicos que se encontram preservados, i.e. secos e montados em cartolinas ou, como no caso de musgos e líquenes, guardados em envelopes.

As colecções biológicas guardadas num Herbário têm como objectivo documentar a diversidade biológica vegetal, constituindo simultaneamente um instrumento de trabalho indispensável à investigação científica nas áreas da sistemática e da ecologia vegetal. É com base em material herborizado que as plantas são classificadas e identificadas e que novas taxa são descritas; é ele que permite que obras como as que reportam a diversidade vegetal de uma dada região geográfica – Floras – sejam elaboradas.

Os estudos na área da Sistemática de Plantas que no seu início se baseavam exclusivamente em dados de natureza morfológica (micro e macro), têm ao longo dos anos vindo a ser complementados com dados de outras áreas, como a anatomia, a citologia, a palinologia e, mais recentemente, o uso de marcadores químicos e moleculares, o que tem permitido esclarecer e melhorar a compreensão de muitos grupos taxonómicos resultando numa contínua actualização da classificação e nomenclatura dos taxa.

EGO HERBARIUM

Conforme solicitado pelos curadores de Unmapping the World, foi seleccionado um herbário de flora e fauna da colecção do Instituto de Investigação Científica Tropical, tendo como base o facto de as suas designações científicas se deverem aos nomes de pessoas específicas (por exemplo, o investigador que descobriu a planta ou insecto, a sua mulher ou um presidente em exercício). A subjectividade dos sistemas científicos é assim questionada, ao revelar como o ego também afecta a classificação da descoberta.

O Instituto de Investigação Científica Tropical (ICT) promove o conhecimento tropical ao dedicar-se a uma investigação interdisciplinar relevante para os países de regiões tropicais.

www.iict.pt

EQUIPA CURATORIAL

ANNELYS DE VET – uma designer e criadora holandesa sediada em Bruxelas – fundou o gabinete para a investigação e design cultural DEVET. É directora do departamento de Design do Sandberg Instituut Amsterdam (Masters Rietveld Academie), um think tank de estratégias visuais. www.bureaudevvet.be

NUNO COELHO é um designer sediado no Porto e investigador e docente da Universidade de Coimbra. Tem desenvolvido vários projectos de investigação de iniciativa própria na intersecção entre o design e a arte, levantando questões, na sua maioria, sobre temáticas sociais e políticas. www.nunocoelho.net

FICHA TÉCNICA

UNMAPPING THE WORLD

Curadoria Annelys de Vet e Nuno Coelho **Produção** experimentadesign **Design de Comunicação e Desenho de Exposição** Nuno Coelho com Sara Reis e DEVET (Moniek Driesse, Joana Rodrigues, Annelys de Vet) **Participantes** Atelier Veldwerk, Bjørn Andreassen, Bregtje Van Der Haak, Bureau DEVET, Femke Herregraven, Hannes Bernard, Henrik Van Leeuwen, IICT, Katja Novitskova, Malkit Shoshan, Nuno Coelho, Paula Amaral, Paulo Moreira, Richard Vijgen, Rogier Klomp, Roosmarijn Pallandt, RSG, Ruben Pater, Shuchen Tan, Supersudaca e Yazan Khalili **Montagem** Maria Azevedo **Assistentes Montagem e Exposição** Amílcar Nunes, Ana Luís, Ana Mendes, Francisca Rogado, Francisco Gomes e Ricardo Leite **Tradução** experimentadesign e Francisco Pereira **Agradecimentos** A. Fernandes, Branca Moriés, Catarina Gonçalves, Conceição Casanova, Cristina Tomé, David Calaveiras, Gravoplot, IICT, JBT, Laura Domingues, Laura Moura, Loja das Bandeiras, Luís Catarino, Luís Jardim, Cristina Duarte, Maria Leonardo, Maria Romeiras, Margarida Pinheiro, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, Pedro Canoilas, Transportes Ideal Ribeira da Pera, Rogério Abreu e a todos os que colaboraram para a realização desta exposição

EQUIPA EXD'13

Direcção: Directora Guta Moura Guedes
Director Executivo Jorge Pinto
Directora Financeira Teresa Oliveira
Assistente Direcção Ana Caldeano **Assistente Administrativa** Rita Rodrigues
Produção e Desenvolvimento: **Coordenador de Produção e Desenvolvimento** Luís Ferreira **Produção Conteúdos** Ana Palma, Francisco Soares, Inês Vidal e Marta Frade **Produção Serviços** Eurídice Conceição e Luiz Antunes **Assistentes de Produção** André Lopes, Joana Belo, Joana Morais e Mafalda Fernandes **Set Design** Ana Palma, André Lopes e Luís Ferreira **Serviço Educativo** Marta Padilha **Assistente Serviço Educativo** Maria Vieira **Monitores Serviço Educativo** Catarina Martins, Marisa Ribeiro, Daniel Peres, Diego Novo, Ana Magalhães e Salomé Areias **Construção e Manutenção** Ion Neacşu e Aníbal Pereira **Assistentes de Construção** Armando Felgueiras, Daniel Neacşu e Daniel Cabral **Montagem** Sérgio Gato **Assistente de Montagem** Ângelo Gonçalves **Limpeza e Manutenção** Rodica Neacşu
Departamento de Comunicação: **Coordenadora de Comunicação** Matilde Magalhães **Edição** Paula Melâneo **Assistente de Comunicação e Edição** Miguel Córte-Real **Design Gráfico** Margarida Vilhena, Raquel Piteira e Tiago Machado **Web Design** Marco Reixa **Assessoria Media** Margarida Ventosa e Sandra Krich **Relações Públicas** Leonor Poeiras